

AS FIBULAS DO BRONZE FINAL ATLANTICO/1ª IDADE DO FERRO DO NOROESTE PENINSULAR — ABORDAGEM E ENQUADRAMENTO CULTURAL

por

Salete da Ponte

1. INTRODUÇÃO

Nesta sessão científica referir-me-ei às inúmeras questões que estas espécies metálicas colocam no espaço e no tempo proto-históricos, quando pretendemos situá-las em áreas e culturas bem específicas, secundarizando a técnica e a indústria metalúrgicas, que essa cultura material nos fornece.

A evidência dos dados arqueológicos e estratigráficos de depósitos do Bronze Final Atlântico recentemente descobertos em Portugal¹, e os recentes resultados de análise metalográfica de diversas espécies metálicas² apontam para três zonas de povoamento distintas: uma, correspondente ao Noroeste Peninsular; outra, à região entre o Douro e o Tejo (Estremadura e Beira Litoral) e a última concernente ao Sudoeste Peninsular (Andaluzia Ocidental)³.

As características morfológicas e tecnológicas evidenciadas por estas três grandes áreas, provêm necessariamente de bases económicas bem distintas; o Norte, ocupava-se de exploração do estanho, enquanto que o Sul explorava as jazidas de cobre; o Centro era, no entanto, pobre em jazidas metalíferas, mas largamente favorecido pelas características do terreno, que beneficiavam do estabelecimento e desenvolvimento de relações comerciais, tanto por via marítima, como por via terrestre⁴.

¹ Cf. Kalb (Ph.), *O Bronze Atlântico em Portugal*, «Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Guimarães, 1978)», Guimarães, 1980 (I), p. 113-120 (14 mapas fora do texto); Cf. Coffyn (A.), *Le Bronze Final Atlantique dans la Peninsule Ibérique*, Paris, 1985 (Publications du Centre Paris, 11).

² Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 205-240.

³ Cf. *id. ibidem.*, p. 205; Cf. Kalb, Ph., *op. cit.*, (V. nota 1), p. 115-116.

⁴ Cf. Montelius (Oscar), *La Civilisation Primitive en Italie*, Estocolmo, 1985, Est. VI e XVII, n.º 235-237; Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 156; Cf. Vaz (João I.) e Ponte, Salete da, *Considerações sobre algumas Fíbulas de Santa Luzia (Viseu) — seu contexto estratigráfico*, «Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu», Viseu, 1988 (no prelo).

É precisamente neste contexto geográfico que situaremos as fíbulas (Figs. 1 e 2) achadas em vários povoados do Bronze Final Atlântico/1ª Idade do Ferro⁵. Os modelos de fabrico mais antigo ocupam, sensivelmente duas áreas de povoamento diferentes: uma, no Noroeste⁶ e outra na Estremadura-Beira Litoral⁷. Esta última área evidencia-se pela diversidade de fíbulas aí existentes nos finais do Bronze Atlântico, contrastando com a exiguidade de modelos, tanto no Noroeste como no Sudoeste⁸. Os modelos de fabrico mais recente (dupla mola e Alcores) aparecem também disseminados pelos povoados do Noroeste e da Beira Litoral⁹, da Estremadura¹⁰ e na zona da sua influência, a sul do Tejo¹¹.

2. FÍBULAS DO BRONZE FINAL ATLÂNTICO

A escassez de dados arqueológicos seguros e a insuficiência de resultados metalográficos¹² não permitem situar com rigor e segurança a diversidade de

⁵ Fíbulas de «arco multicurvilíneo»: Fig. 1, nº 5 (Alcácer do Sal); nº 6 (Castro de Santa Luzia — Viseu); nº 7 (Mondim da Beira — Viseu); nº 8 (Castro de Pirreitas — Alcobaça); nº 9 (lugar de Areia, Guincho — Cascais); nº 10 (N.ª Sr.ª da Cola — Conc. de Ourique); nº 12 (Castro da Sr.ª da Guia — Baiões); Fíbulas de tipo em «Sanguessuga» ou «arco engrossado e abatido, de arco pouco engrossado» e de «Dupla Mola»: Fig. 1, nº 5 (Alcácer do Sal); Fíbulas de «arco pouco engrossado com descanso em disco» e de «arco losangonal com apêndices laterais»: Fig. 1, nº 8 (Castro de Pirreitas — Alcobaça); Fíbulas de tipo «Sem Mola», de «Dupla Mola» e de tipo «Alcores»: Fig. 1, nº 2 (Conimbriga); Fíbulas de tipo «Sem Mola» e de tipo «Alcores»: Fig. 1, nº 4 (Horta das Pinas); Fíbulas de «Dupla Mola»: Fig. 1, n.ºs 13-20 (Castro de Vaia Monte, Barreiro do Tojal, Casal de Vila Chã, Alto de Bocas, Castro de Pragança, Monte de Pena, Castro de Arraiolos e Castro de Corôa do Frade).

⁶ São os exemplares do Castro de Santa Luzia (Fig. 1, nº 6), Mondim da Beira (Fig. 1, nº 7) e do Castro da Sr.ª da Guia — Baiões (Fig. 1, nº 12), todos pertencentes ao tipo de «arco multicurvilíneo».

⁷ São os exemplares de Conimbriga (Fig. 1, nº 2: tipo «Sem Mola»), de Santa Olaia (Fig. 1, nº 3: tipo «Sem Mola»), do Castro de Pirreitas — Alcobaça (Fig. 1, nº 8: tipo de «arco multicurvilíneo», «arco pouco engrossado e abatido» e «arco losangonal com apêndices laterais»), de Areia, Guincho — Cascais (Fig. 1, nº 9: tipo de «arco multicurvilíneo»), da Roça do Casal do Meio (Fig. 1, nº 10: tipo de «arco multicurvilíneo»).

⁸ São os exemplares de Alcácer do Sal (Fig. 1, nº 5: tipo de «arco multicurvilíneo»), de «arco engrossado e abatido» e de «arco pouco engrossado»), de N.ª Sr.ª da Cola (Fig. 1, nº 11: de «arco multicurvilíneo»).

⁹ São os exemplares de Conimbriga (Fig. 1, nº 2: tipos «Alcores» e «Dupla Mola») de Santa Olaia (Fig. 1, nº 3: tipo «Alcores») e do Castro de N.ª Sr.ª da Guia — Baiões (Fig. 1, nº 12).

¹⁰ São os exemplares do Barreiro do Tojal — Alpiarça (Fig. 1, nº 14: tipo «Dupla Mola») e do Casal de Vila Chã — Amadora (Fig. 1, nº 15: tipo de «Dupla Mola») do Alto de Bocas, do Castro de Pragança e do Monte da Pena (Fig. 1, n.ºs 16 e 18: tipos de «Dupla Mola»).

¹¹ São os exemplares de Horta das Pinas (Fig. 1, nº 4: tipo «Alcores»), de Alcácer do Sal, do Castro de Vaia Monte, do Castro de Arraiolos e do Castro da Corôa do Frade (Fig. 1, n.ºs 5, 13, 19 e 20).

¹² Cf. Coffyn (A.), op. cit., (V. nota 1), p. 274; Cf. Kalb (Ph.), *Uma data C14 para o Bronze*

modelos metálicos que preenchiam o mosaico fragmentário e complexo da última fase do Bronze Atlântico. No entanto, atravessar-nos-emos a situá-las nesta última fase histórica, com algumas reservas metodológicas.

A fíbula de «arco multicurvilinear» é, por excelência, o único que aparece associado a cerâmicas de tipo Baiões-Santa Luzia¹³, de tipo Lapa do Fumo¹⁴ e a diversos objectos de adorno e toilette¹⁵. É, por outro lado, representada nas estelas da Estremadura, conforme nos atestam os exemplares da sepultura de inumação da Roça do Casal do Meio¹⁶. Este tipo inclui, por outro lado, várias modalidades estilísticas que resultaram da diversidade de protótipos, provenientes do Mediterrâneo Central (Sardenha e Sicília) e da Itália Central¹⁷. Este artigo metálico penetrou, provavelmente na Península Ibérica, nos primórdios do Bronze Final Atlântico III¹⁸ e, influenciou os bronzeiros locais na produção de novos modelos. É assim que encontramos do Noroeste ao Sudoeste português, duas modalidades do mesmo tipo de fíbula, provenientes de duas correntes estilísticas e culturais extra-peninsulares. Há exemplares que, pela simplicidade decorativa do arco¹⁹, aproximam-se de modelos italianos e sículos²⁰, enquanto que outros²¹, sugerem o tipo sírio-cipriota²². É provável que estes protótipos tenham penetrado na Península, tanto por via mediterrânica, como por via atlântica. A influência diacrónica destas duas vias é constatada pela

Atlântico, «O Arqueólogo Português», série III, 7-9, 1974-77, p. 141-144; Cf. Silva (A.C.F.), *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986, p. 165-171.

¹³ Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 227.

¹⁴ Cf. *id. ibidem.*, p. 212 e p. 227.

¹⁵ Cf. *id. ibidem.*, p. 222 e p. 226; Cf. Spindler (K.); Castelo Branco (A. de); Zbyszewski (G.) e Veiga Ferreira (O.), *Le monument à coupole de l'âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio* (Calhariz), «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», 58, 1973-74, p. 91-153 (p. 119, fig. 10d).

¹⁶ Cf. Spindler (K.) *et aliae*, *op. cit.*, (V. nota 15), p. 118-125, figs. 10-12.

¹⁷ Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 156; Cf. Bosqued (M.^a Concepcion Blasco), *Un ejemplar de fibula de codo «ad occhio» en el valle del Manzanares*, «Boletín del Asociación Española de los Amigos de la Arqueología», nº 23, p. 18-28 (p. 25-26).

¹⁸ Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 152 e p. 156; Cf. Bosqued (M.^a C. Bl.), *op. cit.*, (V. nota 17), p. 22; Cf. Vaz (J.I.) e Ponte (S. da), *op. cit.*, (V. nota 4), fig. 1 (no prelo).

¹⁹ São os exemplares achados do Castro de Santa Luzia (Viseu), do Castro da Senhora da Guia (Baiões), da sepultura da Roça do Casal do Meio (Setúbal) e do Castro de N.^a Sr.^a da Cola (Ourique).

²⁰ Cf. Montelius (O.), *op. cit.*, (V. nota 4), p. I-IV; Cf. Almagro (M.), *Las fibulas de codo de la ría Huelva. Su origen y cronología*, «Cuadernos de Trabajos de la Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma», tomo IX, Madrid, 1957, p. 7-46; Cf. Bosqued (M.C. Bl.), *op. cit.*, (V. nota 17), p. 22 e 26.

²¹ São os exemplares achados em Alcácer do Sal, em Mondim da Beira, no Castro de Pirreitas e no sítio de Areia (Cascais).

²² Cf. Almagro (M.), *op. cit.*, (V. nota 20), p. 7-46; Cf. Bosqued (M.C. Bl.), *op. cit.*, (V. nota 18), p. 22; Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 152, fig. 56.

maior ou menor abundância destas fíbulas, ora na Meseta Norte²³, ora no Baixo Guadalquivir durante o Bronze Final Atlântico III (900-700 a.C.). A cronologia destas fíbulas na Península Ibérica²⁴, nomeadamente nos povoados do território português, apontam uma data não anterior à 1ª metade do séc. IX a.C. Em suma, é no decurso dos sécs. IX-VIII a.C. que as províncias da Estremadura e de Huelva, se tornam nos principais interlocutores de dois mundos diferentes²⁵: o mediterrânico e o atlântico. Acolhe os vários modelos importados e difunde-os pelo interior da Península Ibérica; modela-os e transforma-os em vários tipos específicos, tornando-se, alguns deles réplicas aproximadas ou longínquas de protótipos italianos²⁶ e mediterrânicos²⁷. Citemos a título de exemplo, as fíbulas achadas nos povoados da Estremadura-Beira Litoral e Alto Alentejo²⁸.

Para o fabrico destes objectos de adorno, os bronzeiros serviam-se, naturalmente dos vários processos metalúrgicos correntes no Bronze Final Atlântico III: fabrico de peças por fundição em moldes de areia ou bivalves de material refractário²⁹, ou pelo método de cera perdida. A fíbula de «arco multicurvilíneo» de Perales del Rio (Madrid) foi feita pelo método de cera perdida, segundo os resultados da análise metalográfica³⁰. Esta técnica de fabrico válida para a fíbula de Perales del Rio, será extensiva a todas as fíbulas do Bronze Final Atlântico III?

A ausência de moldes bivalves nos povoados para a fundição de fíbulas proto-históricas, será um válido argumento para generalizarmos aquela evidência metalográfica?

²³ Cf. Cuadrado (Emeterio), *Precedentes y Prototipos de la Fíbula Anular Hispanica*, Madrid, 1963, p. 9-12, mapa I.

²⁴ Cf. Bosqued (M.C.Bl.), *op. cit.*, (V. nota 17), p. 22-24; A autora refere-se à semelhança do exemplar de Roça do Casal do Meio com os modelos de Cerro Alcalá (Guadalquivir: datáveis entre 800-600 a.C.), de Mola d'Agrès (Alicante: datado de 1000-700 a.C.) e de Perales del Rio Gatafe (Madrid: séc. IX-meados do VIII a.C.).

²⁵ Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 240.

²⁶ Cf. Montelius (O.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. II-VI; Cf. Duval (Alain), Eluère (Christiane) e Mohen (Jean-Pierre), *Les fibules antérieures au VI^e siècle avant ère trouvée en France*, «Gallia», 32, 1974, p. 1-61 (p. 11-15, p. 21 e 28-30). Estes exemplares concentram-se na Itália Central e Meridional.

²⁷ Cf. Duval (A.), *op. cit.*, (V. nota 26), p. 45; Cf. Cuadrado (E.), *op. cit.*, (V. nota 23), p. 9.

²⁸ São os exemplares provenientes de Conimbriga (tipo «Sem Mola»), de S.¹a Olaia (tipo «Sem Mola»), do Castro de Santa Luzia — Viseu (tipo de «arco pouco engrossado com descanso em disco»), do Castro de Pirreitas (tipos de «arco pouco engrossado com descanso em disco» e de «arco losangonal com apêndices laterais»), e de Alcácer do Sal (tipos de «arco em sanguessuga» ou de «arco engrossado e abatido» e de «arco pouco engrossado»).

²⁹ Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 209, 224-227 e 230; Cf. Sierra Rodriguez (J.C.), *Sobre la tecnologia del Bronce Final en los talleres del Noroeste Hispanico*, «Studia Archaeologica», 47, Valladolid, 1978, p. 37-40.

³⁰ Cf. Bosqued (M.C.Bl.), *op. cit.*, (V. nota 17), p. 20 e 28.

Entendemos que a análise espectrográfica e metalográfica das fíbulas do Bronze Final Atlântico III, concorrerão para o conhecimento espacial de oficinas de produção, e fornecerão preciosas achegas sobre a composição e técnicas de fabrico.

3. FÍBULAS DO BRONZE FINAL/1ª IDADE DO FERRO

A questão cronológica das fíbulas de «dupla mola» e de tipo «Alcores»³¹ tem suscitado entre os especialistas, opiniões contraditórias e até polémicas. Ambas as formas sofreram a influência orientalizante de vários modelos mediterrânicos³² no decurso do séc. VIII a.C. É, no entanto, nos finais do séc. VIII-inícios do VII a.C., que surgem os dois tipos especificamente peninsulares, transformando-se em subtipos e em variantes. A discrepância cronológica destes modelos, resulta das características diacrónicas, que a sua própria estrutura denuncia. É nesta perspectiva que situamos os modelos mais antigos entre os finais do Bronze Final e a 1ª Idade do Ferro.

4. ÍNDICE DE PROVENIÊNCIAS

Alcácer do Sal: Cf. Correia (Virgílio), *As fíbulas da necrópole de Alcácer do Sal*, «Obras», Iv, Coimbra, 1972, p. 181-186, n.ºs 3 a 11; Cf. Schule (W.), *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1969, p. 153, fig. 71; Cf. Ponte (Salette da), *Algumas fíbulas de Alcácer do Sal*, «O Arqueólogo Português», Série IV, 3, Lisboa, 1985, p. 137-154, figs. 1, 2 e 4. O exemplar de «arco multicurvilíneo», de secção circular, é inédito.

Alto de Bocas (Rio Maior): Viana (A.), Veiga Ferreira (O.), Formozinho (J.), *Necrópolis de Caldas de Monchique*, Madrid, 1950; Cf. Coffyn (A.), *Le Bronze Final Atlantique dans la Peninsule Ibérique* (Publications de Centre Pierre Paris), Paris, 1985, p. 414.

³¹ Cf. Cuadrado (E.), *op. cit.*, (V. nota 23), p. 20-30; Cf. Schule (Wilhiem), *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1969, p. 145; Cf. Schule (W.), *Las más antiguas fíbulas con pie alto y ballesta*, Madrid, 1961, p. 32; Cf. Ponte (Salette da), *As fíbulas do Museu Municipal da Figueira da Foz*, «Conimbriga», 1982, (21), p. 151-154; Cf. Ruis Delgado (Manuel M.), *La fibula de doble resorte en Andalucía* (I): tipos e cronologia, «Habis», 17, Sevilha, 1986, p. 491-514 (p. 500-511).

³² Cf. Ponte (S. da), *Fíbulas pré-romanas e romanas de Conimbriga*, «Conimbriga», Coimbra, (12), 1973, p. 160-197 (p. 163); Cf. Ponte (S. da), *Les Fíbules*, «Fouilles de Conimbriga», VII, Paris, 1979, p. 109-126 (p. 110); Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 267 e 273.

- Areia, Guincho (Cascais):** Cf. Ponte (Salette da), *Algumas fíbulas dos Concelhos de Sintra, Cascais, Amadora e Alenquer*, «Sintria», I-II (1), Sintra, 1982-1983, p. 107-116, figs. 1, nº 1.
- Barreiro do Tojal (Alpiarça):** Cf. Ponte (Salette da), *Uma colecção de fíbulas da Estremadura*, «Boletim Cultural da Assembleia Distrital», III, Série III, nº 88, 1º tomo, 1982, p. 2-10, fig. 2.
- Casal de Vila Chã (Amadora):** Cf. Ponte (Salette da), *op. cit.*, 1982-1983, p. 112, fig. 2.
- Castro de Arraiolos (Évora):** Cf. Marques (Gustavo) e Andrade (Migueis), *Aspectos da proto-história do território português. I — Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça — Idade do Ferro*, «Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia», I, Porto, 1970, p. 125-14 (p. 147); Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, 1985, p. 417.
- Castro de Corôa do Frade (Évora):** Cf. Arnaud (J.M.), *Corôa de Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. Escavações de 1971-1972*, «Madrider Mitteilungen», 20, 1972, p. 56-100; Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, 1985, p. 417.
- Castro do Coto da Pena (Caminha):** Cf. Silva (A.C.F.), *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986, p. 186-187, Est. CI, nº 1.
- Castro de Pirreitas (Alcobaça):** Cf. Ponte (Salette da), *Fíbulas do Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré)*, «Conimbriga», 23 (1984), p. 87-95, figs. 1 e 2. Os nº 3 e 4 provêm provavelmente deste povoado.
- Castro de Pragança (Cadaval):** Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, 1985, p. 417.
- Castro de Santa Luzia (Viseu):** Cf. Kalb (Ph.), *Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal*, «Germania», 58, 1980, p. 25-59; Cf. Vaz (João L. Inês), *Roteiro arqueológico do Concelho de Viseu*, Viseu, 1987, p. 20; Cf. Vaz (J.L.I.) e Ponte (Salette da), *Considerações sobre algumas fíbulas de Santa Luzia (Viseu) — seu contexto estratigráfico*, «I Colóquio Arqueológico de Viseu», Viseu, 1988, fig. 1 (no prelo).
- Castro da Senhora da Guia (Baiões):** Cf. Kalb (Ph.), *Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977 auf einer hohensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal*, «Madrider Mitteilungen», 19, 1978, p. 112-138, fig. 10; Cf. Kalb (Ph.), *Contribucion para el estudio del Bronce Atlantico: escavaciones en el Castro Senhora da Guia — Baiões (S. Pedro do Sul)*, «Congresso Nacional de Arqueologia», VI, Saragoça, 1979, p. 581-583; Cf. Silva (Celso Tavares da), *O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul)*, «Beira Alta», 1979, 38, fasc. 3, p. 511-531, (p. 519, Est. IV, nº 4).
- Castro de Vaimonte (Monforte):** Cf. Ponte (Salette da), *Fíbulas de Vaimonte (Monforte)*, «Actas del III Colóquio sobre lenguas y culturas paleo-hispanicas», Salamanca, 1985, p. 137-158, fig. 1).

- Conimbriga (Condeixa-a-Nova):** Cf. Ponte (Salette da), *Análise de três fíbulas de especial interesse*, «Actas del XII Congresso Arqueológico Nacional de Arqueologia (Jean, 1971)», Saragoça, 1973, p. 363-368; Cf. Ponte (S. da), *Fíbulas pré-romanas e romanas de Conimbriga*, «Conimbriga», XII, 1973, p. 159-197, Est. I, n.ºs 1 e 3; Cf. Ponte (S. da), *Les Fibules*, «Fouilles de Conimbriga», VII, Paris, 1979, p. 109-126, Est. XXIV, n.ºs 1 e 2.
- Horta das Pinas (Conc. Elvas):** Cf. Viana (Abel) e Deus (António Dias de), *Campos de urnas do concelho de Elvas. Paço Ducal de Vila Viçosa. Materiais da secção arqueológica*, Coimbra, 1958, p. 30 e 57, Est. XXIII, nº 193; Cf. Ponte (S. da), *Algumas peças metálicas de necrópoles romanas dos distritos de Portalegre e de Évora*, «Conimbriga», 25, 1986, p. 99-129, fig. 28.1.
- Mondim da Beira (Viseu):** Cf. Ponte (Salette da), *Uma fíbula de Mondim da Beira*, «Beira Alta», 1986, vol. XLV, fasc. 1-2, p. 70-71, fig. 1.
- Monte de Pena (Torres Vedras):** Cf. Coffyn (A.), *op. cit.*, 1985, p. 424.
- Nª Srª da Cola (Ourique):** Cf. Ponte (Salette da), *Valor residual de seis fíbulas da região de Beja*, «Arquivo de Beja», III volume, 2ª série, p. 75-87, fig. 1.
- Roça do Casal do Meio (Setúbal):** Cf. Spindler (K.), Castelo Branco (A. de), Zbyzewski (G.), Veiga Ferreira (O.), *Le monument à coupole de l'âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz)*, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», LVII, 1973-1974, p. 91-153 (p. 125-126), fig. 10, d.
- Santa Olaia (Figueira da Foz):** Cf. Santos Rocha (António dos), *Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*, «Memórias e Explorações Arqueológicas», vol. II, Coimbra, 1971, p. 45, Est. V, 33; Cf. Ponte (Salette da), *As fíbulas do Museu Municipal da Figueira da Foz*, «Conimbriga», 21, 1980, p. 159-162, fig. 1.

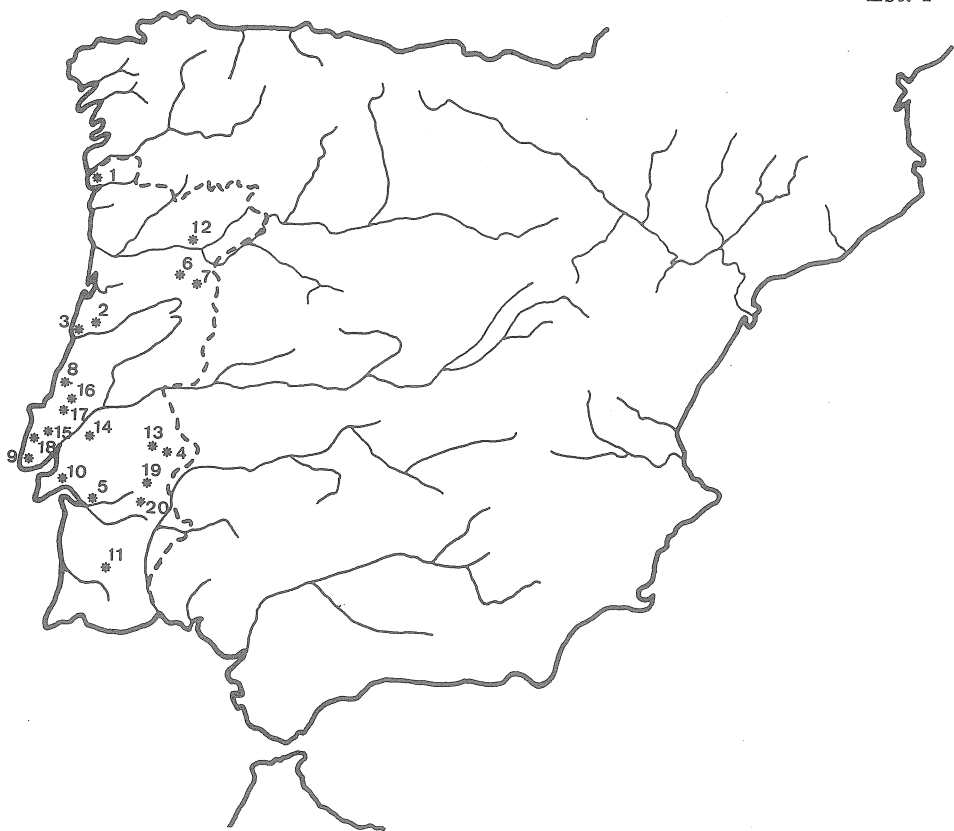
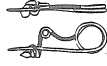


Fig. 1 — Fíbulas do Bronze Final Atlântico III / 1ª Idade do Ferro — 1. Castro do Coto da Pena (Caminha): fíbula de tipo Bencarrón não ilustrada; 2. Conímbriga (Condeixa-a-Nova): fíbulas de tipo «Sem Mola», «Alcores» e de «Dupla Mola»; 3. Santa Olaia (Concelho da Fig. Foz): fíbulas de tipo «Sem Mola» e «Alcores»; 4. Horta das Pinas (Conc. de Elvas): fíbula de tipo «Alcores»; 5. Alcácer do Sal: fíbulas de «arco multicurvilíneo de dupla mola unilateral e de secção roliça»; de «arco engrossado e abatido»; de «arco pouco engrossado» e de «Dupla Mola»; 6. Castro de Santa Luzia (Viseu): fíbulas de «arco multicurvilíneo de dupla mola unilateral, de secção laminar»; de «arco pouco engrossado com descanso em disco»; 7. Mondim da Beira (Viseu): fíbulas de «arco multicurvilíneo, de dupla mola unilateral de secção roliça»; 8. Castro de Pirreitas (Alcobaça): fíbulas de «arco multicurvilíneo de dupla mola unilateral de secção roliça»; de «arco pouco engrossado e abatido» e de «arco losangonal com apêndices laterais»; 9. Areia (Cascais): fíbulas de «arco multicurvilíneo, de dupla mola, de secção roliça»; 10. Roça do Casal do Meio (Setúbal): fíbula de «arco multicurvilíneo de dupla mola unilateral, de secção laminar»; 11. Nª Srª da Cola (Conc. de Ourique): fíbula de «arco multicurvilíneo, de dupla mola unilateral, de secção laminar»; 12. Castro da Senhora da Guia (Baiões): fíbulas de «arco multicurvilíneo, de dupla mola unilateral, de secção laminar» e de «dupla mola»; 13. Castro de Vaiamonte (Monforte): fíbula de «Dupla Mola»; 14. Barreiro do Tojal (Alpiarça): fíbula de «Dupla Mola»; 15. Casal de Vila Chã (Amadora): fíbula de «Dupla Mola»; 16. Alto das Bocas (Estremadura): fíbula de «Dupla Mola»; 17. Castro de Pragança (Cadaval): fíbula de «Dupla Mola»; 18. Monte da Pena (Torres Vedras): fíbula de «Dupla Mola»; 19. Castro de Arraiolos (Évora): fíbula de «Dupla Mola»; 20. Castro de Corôa do Frade (Évora): fíbula de «Dupla Mola».

TIPOS

arco multicurvilíneo

arco sanguessuga



6 10

5 7

5

11 12

8 9

arco pouco engrossado e com disco

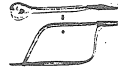


6

5 8

arco losangonal

sem mola



8

2 3

dupla mola

alcores



2 3 5

2 — 4

13 — 20

Fig. 2 — Tipos de fíbula dos finais da Idade do Bronze / 1ª Idade do Ferro achados no território português, cujos números indicam a sua proveniência.